

## PLANO DE AULA DE FILOSOFIA: GOSTO SE DISCUTE?

### *PHILOSOPHY CLASS PLAN: IS IT POSSIBLE TO DISCUSS TASTE?*

Luan Pinheiro de Barros<sup>1</sup>  
Mitieli Seixas da Silva<sup>2</sup>

#### RESUMO

Este trabalho consiste em um plano de aula elaborado através do projeto Residência Pedagógica. Ele está dividido em três etapas. Na primeira etapa faço uma breve introdução, onde irei abordar a justificativa pedagógica, a metodologia e os materiais necessários para construir a aula. Em um segundo momento, apresento o plano de aula que foi dividido em duas perspectivas a respeito da possibilidade de discutirmos os juízos de gosto (objetivismo estético e subjetivismo estético). Na terceira e última parte, trago um sucinto relato de experiência da aplicação do plano, bem como algumas conclusões e reflexões que a experiência provocou.

**Palavras-chave:** Ensino de Filosofia; Didática da Filosofia; Estética.

#### ABSTRACT

*This work is a lesson plan developed through the Pedagogical Residence project. It is divided into three stages. In the first stage I make a brief introduction, where I will address the pedagogical justification, the methodology and the materials necessary to build the class. In a second step, I present the lesson plan that was divided into two perspectives regarding the possibility of discussing the judgments of taste, aesthetic objectivism and aesthetic subjectivism. In the third and last part, I bring a brief account of the experience of the application of the plan, some conclusions and reflections that the experience provoked.*

**Keywords:** Teaching Philosophy; Didactics of Philosophy; Philosophy of Art.

---

1 Estudante de Filosofia na Universidade Federal de Santa Maria, E-mail: [luanpinheirodebarros@outlook.com](mailto:luanpinheirodebarros@outlook.com)

2 Orientadora. Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [mitieli.silva@ufsm.br](mailto:mitieli.silva@ufsm.br)

## INTRODUÇÃO

No programa da Residência Pedagógica desenvolvemos uma série de aulas que buscaram explorar as contraposições referentes a diferentes problemas filosóficos. Neste plano de aula, especificamente, tratamos de um problema dentro do campo da estética, o desacordo a respeito da possibilidade de discutirmos o juízo de gosto. O objetivo era provocar um debate a respeito da possibilidade de discutir nosso gosto estético e, partindo disto, mapear a complexidade do problema filosófico acerca da objetividade do gosto. Demonstrando assim que a filosofia faz parte do nosso cotidiano e pode auxiliar a encontrar algumas soluções para as questões mundanas. A discussão a respeito da objetividade dos juízos de gosto é um tema que se faz presente na vida dos adolescentes. Nesta fase da vida muitos estão formando sua identidade e, por isso, desfrutando muitos bens culturais, no formato de filmes, músicas, séries, livros, quadrinhos, desenhos etc. Portanto, nesta fase da vida, todos têm alguma opinião a respeito de seus gostos e dos gostos dos outros. Consideramos, assim, que demonstrar a complexidade dessa inquietação cotidiana e seu caráter filosófico torna-se muito pertinente em uma aula de filosofia no ensino médio.

A metodologia aplicada no desenvolvimento deste plano consistiu em criar um ambiente para valorizar o diálogo entre duas perspectivas filosóficas opostas. Para atingir esse objetivo, em um primeiro momento, partimos de uma sensibilização com vistas a trazer o debate à tona. Após esse momento de sensibilização<sup>3</sup>, construímos uma análise um pouco mais aprofundada da discussão apresentando a primeira perspectiva filosófica, denominada *subjetivismo estético*. Em seguida, apresentamos a perspectiva oposta, o *objetivismo estético*. Por fim, terminamos com um trabalho em grupo que consistiu na busca pela justificação de juízos de gosto em relação a cinco obras de arte (para tornar a sala de mais inclusiva, sugerimos consultar os alunos sobre quais obras incluir). Para este momento de avaliação, propomos que os critérios para a justificação dos juízos sejam entregues pelo professor e discutidos previamente com todos os estudantes. Os materiais utilizados para a aula foram: músicas (ou algum outro suporte material para a obra de arte escolhida), quadro e material impresso.

## DESENVOLVIMENTO DA AULA

A aula começa com a proposta de ouvirmos uma música<sup>4</sup>, que apresenta um cantor totalmente desafinado. Após a performance, perguntamos para turma: o que vocês sentiram/pensam a respeito da música? Imediatamente na sequência, ouvimos uma música que supostamente todos considerem bela. A intenção é trazer à tona duas atitudes judicativas imediatas e opostas: uma que considera uma obra

---

3 A sensibilização como um primeiro momento de uma aula de filosofia no ensino médio faz parte de uma estratégia metodológica proposta por Silvio Gallo. “Trata-se, nessa primeira etapa, de chamar a atenção para o tema de trabalho, criar uma empatia com ele, isto é, fazer com o que o tema “afete” os estudantes.” (GALLO, 2012, p. 96) Contudo, é importante ressaltar que não seguimos a proposta metodológica completa elaborada pelo autor.

4 A música pode ser acessada no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=gHfDbrUnPjQ>. No entanto, a obra de arte em questão pode ser adaptada tendo em vista a inclusão de todas as pessoas envolvidas na atividade. Por exemplo, se na turma contém alunas ou alunos surdos ou com baixa audição é possível substituir a música por imagens.

“feia” ou “ruim” e outra que considera uma obra “bela” ou “boa”. Após a escuta das músicas, passamos à fase de problematização, levantando perguntas como as seguintes:

- O que torna uma música bela ou feia?
- Por que uma música foi considerada boa pela maioria enquanto a outra foi considerada ruim?
- Trata-se somente da desafinação da voz?
- Qual a diferença entre elas? É uma questão de técnica?
- Vocês conseguem pensar sobre como nos posicionamos frente a outros casos? Como, por exemplo, quando assistimos um filme e não gostamos, mas nossos amigos gostam?
- Ou, então, quando gostamos de série que ninguém gosta. Tem como demarcar o bom e o ruim? Ou, ao contrário, cada um tem sua visão?
- Por fim, sugerimos a seguinte questão norteadora:
- Gosto se discute?

De acordo com nossa experiência, todas essas questões devem conter pausas para problematização e reflexão, pois a intenção delas é gerar discussão a respeito do que justifica um juízo estético sobre nossos gostos pessoais. Após esse segundo momento, o próximo passo consiste em mostrar aos estudantes que essa discussão se fundamenta em um debate filosófico que se dá dentro de um dos campos da filosofia denominado Estética. A ideia é mostrar, utilizando a história da filosofia, que, nesse campo da filosofia, alguns autores e autoras acreditam que, de fato, o gosto estético é algo a ser discutido, enquanto outros acreditam que não é possível discutirmos o gosto estético. O terceiro momento de nossa aula, portanto, consistirá na construção teórica de um debate com duas perspectivas distintas acerca de um mesmo problema.

#### DESENVOLVIMENTO DA PRIMEIRA PERSPECTIVA: SUBJETIVISMO ESTÉTICO

Começamos a desenvolver uma primeira posição concreta a respeito do problema ao utilizar o quadro para trazer conhecimento sobre a história da filosofia. No quadro, escrevemos “subjetivismo estético” e procedemos uma análise dos termos separadamente:

Subjetivo - Que pertence ao sujeito pensante; suas convicções íntimas; seu ponto de vista.

Estética - A palavra foi cunhada pelo filósofo Alexander Baumgarten para se referir à área da filosofia que estuda o conhecimento sensorial. (ALMEIDA; TEIXEIRA; MURCHO; MATEUS; GALVÃO, 2007, p. 10)

Assim, ao reunirmos as duas palavras, temos que: “O subjetivismo estético é a perspectiva acerca da justificação do juízo estético que defende basicamente que a beleza resulta do que sentimos quando observamos as coisas; ou seja, a beleza está nos olhos de quem a vê”. (ALMEIDA; TEIXEIRA; MURCHO; MATEUS; GALVÃO, 2007, p. 23). Portanto, salientamos que, para o subjetivismo estético, considerar uma obra bonita ou feia é uma questão de gostos ou preferências pessoais, as quais são suscitadas pelo nosso encontro com as obras. Nesse espírito, seguindo a sugestão dos autores citados acima, sugerimos recorrer à obra de Fernando Pessoa e escrever no quadro o seguinte poema:

*Thaumazein*, Ano IX, v. 13, n. 25, Santa Maria, p. 89-96, 2020.

“A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe, Que eu dou às coisas em troca do agrado que elas me dão”.

Alberto Caeiro, *O Guardador de Rebanhos*, XXVI, 1912

(PESSOA *apud* ALMEIDA; TEIXEIRA; MURCHO; MATEUS; GALVÃO, 2007, p. 24).

Partindo desse poema podemos concluir que, nessa perspectiva filosófica, os objetos artísticos, sejam eles músicas, filmes, quadros ou mesmo um poema, são belos ou feios de acordo com os sentimentos de prazer ou desprazer que evocam em cada um dos sujeitos que os aprecia. Portanto, de acordo com essa perspectiva, não é possível discutirmos gosto, dado que ele diz respeito a algo particular de cada indivíduo. E, assim, para essa perspectiva, vale a máxima: “Gosto, cada um tem o seu.”

Temos, nesse momento, a oportunidade de trazermos propriamente a história da filosofia para embasar essa perspectiva teórica. Sugerimos introduzir a obra de David Hume como um exemplo de filósofo subjetivista (moderado). Isso porque, David Hume dizia que existe um padrão de gosto e isto não implica, necessariamente, que não há divergências entre as pessoas. Esse padrão seria como um conjunto de princípios e “observações gerais acerca do que tem sido universalmente aceito como agradável em todos os países e épocas.” (HUME *apud* ALMEIDA; TEIXEIRA; MURCHO; MATEUS; GALVÃO, 2007, p. 25).

Na perspectiva de Hume, o fato de existir um padrão reconhecível para o gosto não implica que não podemos discordar, pois, o gosto não está na obra, mas sim em quem vê/ouve/percebe ela e, neste sentido, nós podemos classificá-lo como subjetivista, embora um subjetivista *moderado*, pois, apesar de afirmar um padrão objetivo existente, o gosto ainda é decorrente de um elemento subjetivo. Além disso, ele defende que as pessoas podem aprimorar seus gostos através do cultivo das artes. Outro aspecto importante para salientarmos na discussão a partir da obra de David Hume é o papel da formação do hábito: para esse filósofo, as pessoas também estão inseridas em uma relação de gosto que é formada no seu dia a dia, por exemplo, se alguém vive assistindo *Sessão da Tarde* tende a gostar de filmes americanos clichês.

## DESENVOLVIMENTO DA SEGUNDA PERSPECTIVA: OBJETIVISMO ESTÉTICO

De acordo com a metodologia empregada, a saber, a apresentação e discussão de perspectivas filosóficas opostas, o próximo passo após ter elaborado a primeira perspectiva filosófica é apresentar a tese contrária. Uma pergunta para começar a discussão com a turma pode ser: O que queremos dizer exatamente quando falamos que, no que diz respeito ao gosto, “cada um tem o seu”? Outra pergunta seria: como pensam as pessoas que não concordam com essa afirmação? Colocar essas questões abre a possibilidade ao professor ou professora de apresentar a tese oposta segundo a qual o gosto, assim como outras coisas, é passível de discussão. Uma corrente filosófica que defende essa posição é conhecida como objetivismo estético.

Diferentemente dos subjetivistas, sejam eles moderados ou mais radicais, para os defensores do objetivismo, os critérios para definir se algo é bonito ou feio estão na própria obra. Um filósofo que defendeu esta tese foi Monroe Beardsley, segundo o qual, a beleza teria critérios objetivos e haveria uma série de elementos, as *propriedades estéticas* dos objetos, que serviriam como uma base para o nosso

gosto. As propriedades estéticas seriam um conjunto de características que juntas e combinadas de diversas maneiras poderiam ajuizar o feio ou belo.

Mas, se existe uma justificativa objetiva para ajuizar a beleza, por que as pessoas discordam mesmo assim? Beardsley argumentava que isto ocorre, “porque as obras nem sempre são avaliadas do mesmo ponto de vista” (ALMEIDA; TEIXEIRA; MURCHO; MATEUS; GALVÃO, 2007, p. 31). Um filme, por exemplo, pode ser julgado do ponto de vista moral, do ponto de vista político, histórico etc. Nesses diversos pontos de vista, não temos como formar um acordo objetivo, no entanto, existe um ponto de vista específico para formarmos um juízo estético objetivo, o ponto de vista estético.

O interessante desta tese é que isso significa que seria possível expor o porquê de uma música ser boa, ou o motivo de uma determinada série ser ruim, tendo uma base objetiva. Neste momento é oportuno colocar as seguintes questões: Quem nunca tentou convencer um amigo de que *aquela série* é muito boa? Quais características vocês já utilizaram para fundamentar o gosto nessa ocasião? Quais elementos de um filme vocês escolheram para justificar o juízo de gosto de que ele é uma obra prima?

Para finalizar a aula e, com isso, discutir alguns padrões objetivos para analisar o gosto, sugerimos a atividade em grupo a seguir, a qual consiste na entrega de uma folha para turma com uma lista de critérios, montada a partir do livro *Você pensa o que acha que pensa?* de Julian Baggini e Jeremy Strangroom seguida de discussão.

#### ATIVIDADE EM GRUPO: JUSTIFICANDO SEUS GOSTOS

Após ser entregue o material (em anexo) e termos um instante de leitura em conjunto explicando os critérios, a próxima etapa consiste em uma atividade em grupos. Cada grupo deve pensar e justificar seu juízo de gosto em relação a cinco obras de arte tendo como apoio os critérios estabelecidos no material<sup>5</sup>. O professor pode trazer algumas imagens de obras impressas, sugerir nomes de alguns filmes e livros clássicos que talvez a turma já tenha entrado em contato. Uma alternativa seria levar a turma para um laboratório de informática e fazer uma pesquisa de algumas obras via internet ou mesmo sugerir uma visita a um museu da cidade a fim de visualizar as obras *in loco*.

Por fim, após feita a pesquisa e a escrita da justificativa pelos estudantes, cada grupo deve apresentar as obras escolhidas e suas respectivas justificativas apoiadas nos critérios que foram entregues à turma.

#### CONCLUSÃO

Esta aula foi elaborada a partir do Programa de Residência Pedagógica. A ideia central referente a este plano era a de construir uma aula dialética, onde fosse possível apresentar duas perspectivas sobre um determinado tema e no final o aluno tivesse a oportunidade de julgar a perspectiva que mais lhe soasse coerente. No entanto, acredito que ao longo do processo criativo o plano tomou um outro rumo no que diz respeito ao seu final, pois a atividade em grupo não propôs um momento de posicionamento por parte da turma referente à dicotomia do problema filosófico proposto. Por isso, ainda assim,

<sup>5</sup> O material está disponível em anexo ao artigo. Esses critérios encontram-se, com mais detalhes, entre as páginas 148 a 154 do livro *Você pensa o que acha que pensa?* de Julian Baggini e Jeremy Strangroom.

acreditamos ser possível abrir mais um espaço para filosofar sobre o tema e consolidar uma perspectiva em um próximo encontro, ou até mesmo em uma atividade extraclasse.

Uma outra proposta do plano que trouxe uma reflexão interessante foi o constante uso de perguntas e, conseqüentemente, os debates que delas derivaram. Temos consciência que dependendo da turma em que a aula será aplicada, o tempo da aula pode tornar-se longo e será preciso que o professor lance mão de estratégias didáticas para filtrar o debate. Esta aula foi aplicada em três turmas, uma do primeiro ano do Ensino Médio, uma do segundo e outra no terceiro ano. Duas delas foram repletas de reflexões e engajamento por parte da turma, ao ponto que foi difícil chegarmos a tempo na atividade final. Outra turma foi mais receosa nas tentativas de responder as questões levantadas, de modo que foi necessário guiar mais a turma do que o esperado.

Particularmente, tenho a impressão que a educação ainda está muito presa em uma concepção *bancária*, conceito desenvolvido por Paulo Freire em sua obra *Pedagogia do Oprimido*<sup>6</sup>, que refere-se a este modelo onde somente o professor fala e deposita o conteúdo, um formato onde não há espaço para participação efetiva das vozes dos estudantes. Como consequência dessa compreensão de educação, desenvolvem-se subjetividades com receio de se expressar, dialogar e buscar uma resposta. Consideramos que o modelo de aula aqui apresentado é uma alternativa a essa perspectiva, na medida em que o formato dialético da aula incentiva os alunos a fugir desse modelo tradicional em direção a sua autonomia, na construção de subjetividades jovens que falem, que pensem, que estejam vivos na sala de aula.

Por último, analisando essa experiência, concluímos ser o planejamento das aulas essencial, embora cada turma tenha um ritmo e seja necessário levar esse ritmo em conta. Tendo planejado as aulas, as mudanças e adaptações são muito mais fáceis de serem incluídas. Assim, considerar que as turmas são formadas por pessoas e cada uma delas tem particularidades, dificuldades e habilidades distintas e que, por isso, o ritmo das aulas sempre seguirá padrões diferentes, não significa renunciar ao conteúdo e ao planejamento. Isso significa construir não apenas “para”, mas “com” as e os estudantes.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Aires; TEIXEIRA, Célia; MURCHO, Desidério; MATEUS, Paula; GALVÃO, Pedro. **A ARTE DE PENSAR • FILOSOFIA** - 10<sup>o</sup> Ano • Volume 2. Lisboa: Didática Editora, 2007.

BAGGINI, Julian; STANGROOM, Jeremy. **Você pensa o que acha que pensa? Um check-up filosófico**. Tradução Roberto Valente, Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 67. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

GALLO, Silvio. **Metodologia do ensino de filosofia: uma didática para o ensino médio**. São Paulo: Papirus editora, 2012.

---

<sup>6</sup> Encontra-se mais detalhadamente no segundo capítulo da obra, intitulado “A concepção «bancária» da educação como instrumento da opressão”. (FREIRE, 2019)

## ANEXO A

### MATERIAL PARA O PROFESSOR OU PROFESSORA

Folha de Atividade: Critérios de avaliação da arte:

1. A obra demonstra uma grande habilidade técnica
  - a. Uma pessoa para quem não faz a menor diferença se uma escultura foi esculpida pelo vento, a chuva ou a mão do homem é incapaz de interpretar e mesmo de observar esculturas. Assim, é vital para a apreciação estética que ao menos se veja o trabalho artístico como algo criado e projetado pelo artista.
2. A obra pode ser fruída
  - a. O prazer que a arte proporciona tem grande importância para o valor dela. Contudo, há uma diferença entre prazer estético “apropriado” e outros prazeres (como aqueles que se sente ao comer e beber).
3. A obra transmite os sentimentos do artista
  - a. O ponto essencial da arte é comunicar os sentimentos do artista, cabendo ao artista a habilidade de comunicar seus sentimentos.
4. A obra transmite uma lição moral importante ou nos ajuda a viver melhor
  - a. Só é justificado gastar dinheiro público com arte para obras que tenham uma mensagem moralmente virtuosa. Se o gasto de recursos públicos tiver por base apenas o prazer que a obra proporciona, então por que não subsidiar prazeres como os da bebida?
5. As características formais da obra são harmoniosas e/ou belas
6. A obra de arte revela um insight da realidade

**ANEXO B**

## MATERIAL PARA A TURMA

Folha de Atividade: Critérios de avaliação da arte:

1. A obra demonstra uma grande habilidade técnica
2. A obra pode ser fruída
3. A obra transmite os sentimentos do artista
4. A obra transmite uma lição moral importante ou nos ajuda a viver melhor
5. As características formais da obra são harmoniosas e/ou belas
6. A obra de arte revela um insight da realidade